

# LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

---

Das Origens ao Século XVI

PAULO OSÓRIO  
(Ed.)



Luso-Española de Ediciones, S.L.

## 5. Mudanças fonético-fonológicas do latim para o português, galego e espanhol: um confronto

*Ignacio Vázquez Diéguez*

Universidade da Beira Interior

**Abstract:** The aim of this paper is to make a journey through the phonetic and phonological changes that happened in the Latin spoken in the Iberian Peninsula until the present time. The reader will travel over two thousand years in order to discover Portuguese, Galician and Spanish linguistic systems.

**Keywords:** latin, portuguese, galician, spanish, historical phonetics.

**Palavras-chave:** latim, português, galego, espanhol, fonética histórica.

Pretendemos com este texto fazer um percurso pelas mudanças fonéticas e fonológicas que aconteceram no latim falado na província da Hispânia até à atualidade e que deram lugar a diversos sistemas linguísticos. Repararemos em três: português, galego e espanhol.

Felizmente, temos muita informação escrita em e sobre o latim, mas, infelizmente, nenhum testemunho oral, e é precisamente da oralidade que estas linhas tratam. Tentar estabelecer as mudanças orais que se têm produzido ao longo de dois mil anos foi e continua a ser um desafio para os filólogos e linguistas que estudam o tema. Contudo, há sempre dados que ajudam a reconstruir os processos de variação linguística<sup>1</sup>.

Esse latim escrito que chega durante a época clássica (século I a.C. a meados do século I d.C.) ao seu apogeu como ideal linguístico não devia ser a língua falada pelo povo habitualmente, ela é denominada pelos filólogos latim vulgar, de onde, conforme à convenção linguística, procedem as nossas línguas.

Os estudos sobre a documentação escrita preservada, os comentários dos autores e gramáticos da época e a comparação entre as línguas romances atuais possibilitam a aproximação das mudanças ocorridas ao longo destes dois milénios. Essas mudanças, a variação linguística, são muito lentas e não permitem afirmar em que momento determinado se passa de uma língua a outra. Como recorda Lleal Galceran (2000: 131): “La transformación del latín en romance no es, en rigor, un fenómeno de la lengua, sino un hecho de conciencia lingüística. Por eso, no tiene ningún sentido preguntarse cuándo *se dejó de hablar latín y se empezó a hablar romance*, porque nunca se dejó de hablar.”.

<sup>1</sup> Leia-se a obra de López Soto (2003), que faz uma excelente divisão da literatura latina de 754 a.C. até a 690 d.C., assim como o estudo de Väänänen (1985) sobre as fontes do latim vulgar.



Contudo, a nossa paixão linguística leva-nos a querer saber e estabelecer, na medida do possível, a cronologia das mudanças (para não sermos a “criança” que Cícero desde-nhava). E entramos noutra questão, acerca da dificuldade e repto que essa tarefa impõe.

Usaremos as principais obras do nosso âmbito hispânico<sup>2</sup> para determinar as mutações e as datas aproximadas em que aconteceram, tendo em conta que, em alguns casos, não há informação suficiente para afirmar certas cronologias, pois a escrita sempre vai atrás da fala e quando um fenómeno oral se regista escrito, há já tempo que está consolidado. Por outro lado, pareceria que, quando uma mesma solução atinge diferentes línguas, esta deveria ter-se dado ao mesmo tempo; contudo, nem sempre acontece assim, como aponta Straka (1956), ao falar das mudanças na Gália, em que as transformações acontecidas depois do século III no norte já não afetaram o sul “ou bien il les accomplissait dans un ordre chronologique différent” (Straka, 1956: 261). Como se observará, essa tendência também ocorreu na Península Ibérica.

Começamos pelo princípio, então.

O latim clássico possuía um sistema vocálico de dez sons, com cinco vogais breves [a, e, i, o, u] (=ā, ē, ī, ō, ū) e cinco longas [a:, e:, i:, o:, u:] (=ā, ē, ī, ō, ū), que, na escrita, apenas apresentavam as seguintes grafias: A, E, I, O, U. O sistema consonântico era relativamente simples, com três pontos de articulação: (i) labial [b<sup>h</sup>, p<sup>h</sup>, f<sup>h</sup>, m<sup>h</sup>]; (ii) dental [d<sup>h</sup>, t<sup>h</sup>, s<sup>h</sup>, n<sup>h</sup>, l<sup>h</sup>, r<sup>h</sup>]; e (iii) velar [g<sup>h</sup>, k<sup>h</sup>], que tinha também a aspirante [h<sup>h</sup>]. Como se aprecia, não tinha a ordem palatal, que será precisamente, juntamente com a transformação do vocalismo, a grande revolução na passagem do latim para as línguas romances.

Já no século I a.C. se dão as seguintes mudanças: a perda da aspiração (HŌMĪNĒM<sup>5</sup> [hominem > ominem] *homem/home/hombre*<sup>6</sup>, HŌNŌRĒM [hono:rem > onono:rem] *honor*), a queda de nasais finais (HŌMĪNĒ(M) [ominem > ominem], DŌMĪNŪ(M) [dominum > dominu] *dom, dono/don, dono/don, dueño*) e a acentuação como elemento distintivo ([omine > 'omine], [dominu > 'dominu]).

No século I d.C., o timbre (traço concomitante mas não fonológico) passa a ser pertinente, após a perda da duração vocálica. As vogais longas são pronunciadas fechadas e as breves abertas (fĪCŪ [ˈfi:ku > ˈfikʊ] *figo/higo*), ([ˈdominu > ˈdɔminʊ]). Isto produziu-se

<sup>2</sup> Referenciadas na secção “Bibliografia”.

<sup>3</sup> As letras superíndices correspondem às grafias da escrita latina.

<sup>4</sup> O latim só possuía um esse surdo. A maioria dos linguistas opina que era de carácter dental, mas nós partilhámos o juízo de Lloyd (1987: 80): “Most of the Romance languages today have what is often described as a dental sibilant, and on this basis most scholars have assumed that the Latin pronunciation is the same. It is equally likely, however, that the sound of sibilant in Latin was more that of an apico-alveolar sibilant much like that of modern Castilian [ʃ], a sound found also in other conservative sections of Romania, and very probably inherited from Indo-European.”. Neste trabalho, marca-se o modo de articulação alveolar com um ponto subscrito [ʃ̣] e o dental sem ele [s], independentemente da realização (dorsal, pré-dorsal, pré-dorsodental, etc.).

<sup>5</sup> Marcaremos sempre as quantidades vocálicas para uma maior facilidade no seguimento da evolução.

<sup>6</sup> Português/Galego/Espanhol. Quando português e galego coincidirem, aparecerão apenas duas traduções; quando a forma for a mesma para as três línguas, aparecerá uma só tradução.

por uma maior força articulatória, que também provocou o deslocamento do acento (LĀNCĒĀ [lanˈkeā > ˈlankeā] *lança/lanza/lanza*, FĀCĒRĒ [ˈfakere > faˈkere]<sup>7</sup> *fazer/facer/hacer*, CĀTHĒDRĀ [ˈkatēdra > kaˈtēdra] *cadeira/cadera*<sup>8</sup>).

Entre os séculos II e III d.C., ocorreram as seguintes transformações: prótese vocálica nas palavras começadas por esse líquido (STĀRĒ [ʃˈtare > iʃˈtare] *estar*) e monotongação de ōē [e] e āē [e] (FŌEDŪ [ˈfoedʊ > ˈfedʊ] *feio/feo/feo*, CĀELŪ [ˈkaelʊ > ˈkelʊ] *céu/ceo/cielo*).

A força articulatória referida também provocou a formação de ditongos crescentes (RĀTĪŌNĒ [raˈtione > raˈtione] *razão/razón/razón*, FŌLĪĀ [ˈfōlia > ˈfōlja] *folha/folla/hoja*, [ˈlankeā > ˈlankeja]), aparecendo uma semiconsoante aproximante palatal de que carecia o latim, o *yod* (iode)<sup>10</sup>, responsável pela maioria dos novos sons palatais que virão a ser pronunciados.

Ainda nesta época, documenta-se o desaparecimento do *wau* (MŌRTŪĀ [ˈmɔrtwa > ˈmɔrta] *morta/muerta*) após consoante. Esse mesmo *wau*, um som também aproximante mas de natureza velar, começa a ser pronunciado fricativo (VĪTĀ [ˈwita > ˈβita] *vida*, NŌVĒ [ˈnɔwe > ˈnɔβe] *nove/nueve*). E em relação a essa solução, o relaxamento do -B- conflui na pronúncia (HĀBĒRĒ [aˈβere] *haver/haber/haber*)<sup>11</sup>.

A partir do século IV d.C., as sílabas tónicas terão preponderância sobre as átonas, que se fecharão posteriormente<sup>12</sup> ([ˈfikʊ > ˈfiku; ˈdɔminʊ > ˈdɔmenu; faˈkere > faˈkere]). Produz-se a síncope de vogal pós-tónica (VĪRĪDĒ [ˈβerede > ˈβerde] *verde*, ĀLTĒRŪ [ˈalteru > ˈaltru] *outro/otro*), que propicia a formação dos famosos grupos [kl, gl, tl] (ŌCŪLŪ [ˈɔkolu > ˈɔklu] *olho/ollo/ojo*, TĒGŪLĀ [ˈtegola > ˈteglā] *telha/tella/teja*, VĒTŪLŪ [ˈβetolu > ˈβetlu] *velho/vello/viejo*). Começam também a síncope de vogal pré-tónica medial (HŌSPĪTĀLĒ [oʃpiˈtale > oʃpˈtale] *hostal*) e a simplificação de alguns grupos consonânticos (SĀNCTŪ [ˈʃanktu > ˈʃantu] *santo*, MĒNSĀ [ˈmenʃa > ˈmeʃa] *mesa*), o que afeta de maneira diferente as línguas em foco<sup>13</sup>.

<sup>7</sup> Verbos acabados em -...ĒRĒ passam a -ĒRĒ.

<sup>8</sup> Em espanhol significa “anca”.

<sup>9</sup> Português *lh* = galego e espanhol *ll*; português *nh* = galego e espanhol *ñ*.

<sup>10</sup> O iode [j] provém de qualquer <ē> ou <ī> átono ao pé de outra vogal átona. VĪDĒŌ [ˈwideo > ˈwedjo] *veja/vexo/veo*, FĪLĪĀ [ˈfilia > ˈfilja] *filha/filla/hija*.

<sup>11</sup> Não há consenso neste ponto da parte dos linguistas portugueses. Para alguns, houve já labialização nesta altura [ˈnɔwe > ˈnɔβe], [aˈβere > [aˈvere], mas parece, pela documentação, que a labialização foi uma contribuição do Sul para o futuro português-padrão. Daí que se mantenha ainda hoje [β] nos dialetos portugueses do Norte (e no galego, no espanhol e no catalão). Consulte-se Mattos e Silva (1991: 89 e seguintes), que clarifica o assunto.

<sup>12</sup> Em linhas gerais, no sistema átono: [i (ī) > i > e || i: (ī) > i || e (ē) > e > e || e: (ē) > e || a/a: (ā/ā) > a || o (ō) > o > o || o: (ō) > o || u (ū) > ū > o/-u || u: (ū) > u]; e no sistema tónico: [i (ī) > i > e || i: (ī) > i || e (ē) > e || e: (ē) > e || a/a: (ā/ā) > a || o (ō) > o || o: (ō) > o || u (ū) > ū > o || u: (ū) > u].

<sup>13</sup> Outros casos: -RS- > -SS-, -PS- > -SS-, -PT- > -T-, -MPS- > -NS-, embora com exceções e flutuações entre as línguas (por exemplo, TRĀNSVĒRSŪ *travesso/travesol/travieso* mas ŪRSŪ *urso/oso/oso*; ĪPSĒ *esse/ese/ese*; SĒPTĒ *sete/siete*; o exemplo dado acima [oʃpiˈtale > oʃpˈtale] *hostal*; CĀMPSĀRĒ > *cansar*, etc.).



Assistimos à velarização de [t] > [k] ([βetlu > βeklu]) e à fricativização da oclusiva velar (NÖCTĒ [ˈnɔkte > ˈnɔxte] *noite/noche*, [ˈɔklu > ˈɔxlu], [βeklu > βexlu]).

Ainda no último período do Império, o ditongo -āū- monotonga para -a- antevelar ou sibilante (ĀUGŪSTŪ [aˈgoʃtu] *agosto*) e presenciamos as primeiras transformações provocadas pelo iode. Seguiremos nestas linhas a cronologia dada por Menéndez Pidal (1940), assim, o “iode primeiro” inflexiona sobre o -t- e o -c- [k], criando o som africado dentoalveolar [tsj] – intervocálico ou não – ([raˈtʃjone > raˈtsjone], MĀRTIŪ [ˈmartʃu > ˈmartsju] *março/marzo/marzo*; CĀLCĒĀTĀ [kalˈkʃata > kalˈtsjata] *calçada/calzada/calzada*, [ˈlankja > ˈlantsja]), ao mesmo tempo que palataliza a velar surda longa (BRĀCCHŪ [ˈbrakːju > ˈbratʃju] *braço/brazo/brazo*).

A partir do século V d.C. e, sobretudo, após a queda de Roma, sem norma que chegue da capital, as mudanças no latim vulgar vão ser profundas. Entramos agora na época visigótica, até ao início do século VIII d.C.

Uma das características principais deste período é o progressivo relaxamento das consoantes oclusivas intervocálicas (podiam ser seguidas de -r-); este facto é comumente conhecido como a “lenição celta” e começa a afetar, em primeiro lugar, as sonoras ([d(r)- > -ð(r)-] [-g(r)- > -ɣ(r)-]<sup>14</sup>: [kaˈtɛdra > kaˈtɛðra], ĪNTĒGRŪ [enˈtɛgru > enˈtɛɣru] *inteiro/enteiro/entero*), provocando mesmo o seu desaparecimento (DĪGĪTŪ [ˈdegetu > ˈdeyɛtu > ˈdeetu > ˈdetu] *dedo*, RĒGĪNĀ [reˈgina > reˈɣina > reˈina] *rainha/rainha/reina*).

O processo de velarização já visto [k > x] intensifica-se e a velar avança para um iode [x > j] ([ˈɔxlu > ˈɔjlu], [βexlu > βejlu]).

Produz-se também nesta época outro dos fenómenos distintivos do latim visigótico: a palatalização de velar surda [k+e-ε/i > tʃe-ε/i] (intervocálica ou não) ([faˈkere > faˈtʃere], [ˈkelu > ˈtʃelu]). Straka (1956) considera que já se começou a dar no século III a.C.<sup>15</sup>, mas Lapesa (1986) diz:

“su palatalización se hallaba todavía en curso en el siglo VI, pues alcanzó a muchos nombres propios visigodos; por eso no tienen hoy pronunciación velar, sino dental o interdental, los topónimos portugueses *Cintães*, *Sintião* (< Khintila), los gallegos *Cende*, *Cendemil* (< Khinths) o el burgalés *Rezmondo* (< Rikimunds).”<sup>16</sup>

Lapesa (1986: 125)

O “iode primeiro” que tinha gerado o som [tsj] (africado dental) será assimilado ([raˈtsjone > raˈtsone], [ˈlantsja > ˈlantsa], [tʃj > tʃ] [ˈbratʃju > ˈbratʃu]), mas não de forma geral; há casos de conservação, mais comum em galego e espanhol, nomeadamente

<sup>14</sup> Lembre-se que, nesta série, o [-b-] tinha já relaxado para [-β-].

<sup>15</sup> Opinião partilhada por Castro (1991) e Ferreira & Osório (2008).

<sup>16</sup> Em italiano data-se a mudança no século V d.C. (D’Achille, 2001) e em francês no século III d.C. (Laborderie 2009), como apontava Straka (1956).

nas terminações -TĪŌNĒ<sup>17</sup>, -ANTĪA e -ENTĪA (DŌLĒNTĪĀ [doˈlentsja > doˈlentsja ~ doˈlentsa] esp. *dolencia*, português e galego *doença/doenza*, PRĀSENTĪA [preˈʃentsja > preˈʃentsja ~ preˈʃentsa] espanhol *presencia*, português e galego *presença/presenza*).

Outras mudanças são a prótese de velar – sobretudo, em germanismos, *werra* [ˈwer:a > ˈgwer:a] *guerra* – e a queda do *wau* nos grupos QUE/I e GUE/I (QUĒM [ˈkwem > ˈkɛm] *quem/quen/quien*; SĀNGUĪNĒ [ˈʃaŋgwe > ˈʃaŋge] *sangue/sangre*)<sup>18</sup> e das oclusivas finais (ĀMĀT [ˈamat > ˈama] *ama*).

Entra em ação o “iode segundo” que palataliza o L e que tem a capacidade de fechar a vogal [ɔ] precedente ([ˈfɔlja > ˈfoʎa]; [ˈɔjlu > ˈoʎu], [βejlu > βeʎu]) e o N (SĒNĪŌRĒ [ʃeˈnjore > ʃeˈnore] *senhor/señor/señor*)<sup>19</sup>.

O “iode terceiro” palataliza as consoantes sonoras oclusivas e fecha as vogais abertas precedentes ([b/d/g+j > dʒ] HABĒAM [ˈabja > ˈadʒa] *haja/haxa/haya*, HŌDĪĒ [ˈɔdje > ˈodʒe] *hoje/hoxe/hoy*, VĪDĒŌ [ˈβedju > ˈβedʒu] *veja/vexo/veo*, PŪLĒGĪŪ [poˈledju > poˈledʒu] *poejo/poexo/poleo*)<sup>20</sup>.

Inicia-se, a partir do século VIII d.C., uma nova época com a chegada dos árabes à Península Ibérica. A união linguística mais ou menos coesa do tempo visigótico começa a quebrar-se e começamos a ver já tendências diferentes em dois sistemas, a que chamaremos, seguindo a tradição filológica, proto-romance galaico-português<sup>21</sup> e proto-romance castelhano, mas que ainda são similares (até, mais ou menos, ao século XII d.C.; tenha-se em conta que as datas são sempre aproximadas e arbitrárias).

No processo de palatalizações constantes a que assistimos, é agora a vez do G [g+e/i], com uma dupla solução:

Proto-romance galaico-português:	Proto-romance castelhano:
[dʒe/i]	[je/i]
GĒNTĒ [ˈdʒente] <i>gente/xente</i>	[ˈjente] <i>gente</i>
FŪGĪRĒ [fuˈdʒire] <i>fugir/fuxir</i>	[fuˈjire] <i>huir</i>
GĒLĀRĒ [dʒeˈlare] <i>gear, gelar/xear</i>	[jeˈlare] <sup>22</sup> <i>helar</i>

<sup>17</sup> Veja-se o caso de -ciōn/-zōn em galego e espanhol, ao pé do -ção português (por exemplo, *nación* galego e espanhol *versus* *nação* português e *donación* espanhol, *doazón* galego e *doação* português).

<sup>18</sup> No galego, também com as vogais velares, quando [ˈkwando > ˈkando], *cando*. Mesmo com vozes não latinas que entraram nesta época, por exemplo, *gardar*, ao pé do português e espanhol *guardar*.

<sup>19</sup> Quando tónica, fecha a vogal [ɛ]. Por exemplo, ĪNGĒNĪŪ, português *engenho*, galego *enxeño* e espanhol *ingenio*, sem ditongar.

<sup>20</sup> Não se produzirá palatalização no futuro romance castelhano quando a estes grupos precede uma vogal palatal. Daí que em português e galego tenhamos *veja/vexo*, *seja/sexa*, *poejo/poexo* e em espanhol *veo*, *sea*, *poleo*.

<sup>21</sup> Realmente, deveria ser *galego*, forma datada em 887 (*português*, no século XIII d.C.) (Geraldo da Cunha, 1982). Leia-se o artigo de Bagno (2011).

<sup>22</sup> Posteriormente, em castelhano, este som [j] vai desaparecer quando procede de ge/i- latino átono, no caso proposto, [eˈlar] *helar* (onde o h é antietimológico). Outros: GĪNGĪVĀ, *encia* (português *gingiva*).



O iode que iniciava sílaba em latim sofreu o mesmo processo:

ĪAM ['dʒa] <i>já/xa</i>	['ja] <i>ya</i>
ĪACĒRĒ [dʒa'tʃere] <i>jazer/xacer</i>	[ja'tʃere] <sup>23</sup> <i>yacer</i>

E chegamos a outra característica definitiva deste período: a sonorização das oclusivas surdas intervocálicas (lenição celta, por excelência) – lei conhecida como *petaka* > *bodega*, fórmula mnemotécnica usada pelos estudantes – [-p/t/k(r)- > -b/d/g(r)-] (SĀPĒRĒ [ʃa'pere > ʃa'bere] *saber*, CĀPRĀ ['kapra > 'kabra] *cabra*; ĀMĀTŪ [a'matu > a'madu] *amado*, [ka'tsʃata > ka'tsʃada], [ka'teðra > ka'deðra], ['detu > 'dedu], ['βita > 'βida]; ['fiku > 'figu], MĀCRŪ ['makru > 'magru] *magro*), também afeta a -s- e -f- ([-ʃ- > -z-] CĀŪSĀ ['kawʃa > 'kawza] *cousa-coisa/cousa/cosa*; [-f- > -β-] DĒFĒNSĀ [de'βeʒa] *devesa/dehesa*).

A segunda diversificação no proto-romance verifica-se no tratamento das consoantes longas latinas. Qualquer consoante podia ser breve e longa, sendo que as surdas apareciam com muita frequência (as sonoras apenas quando formavam uma nova palavra fruto dos prefixos, por exemplo, ĀD+DĀRĒ > ĀDDĒRĒ, *acrescentar*). No caso das surdas, implicava mudança de significação. Assim, temos [p:<sup>pp</sup>, t:<sup>tt</sup>, k:<sup>cc, cch</sup>, s:<sup>ss</sup>], que terão a mesma solução nos dois proto-romances: perda da duração (CŪPPĀ ['kop:a > 'kopa] *copa*, VĪTTĀ ['βit:a > 'βita]<sup>24</sup>, BŪCCĀ ['bok:a > 'boka] *boca*, PĀSSĀRĒ [pa'ʃ:are > pa'ʃare] *passar/pasar/pasar*). Mas não aconteceu o mesmo com as nasais e as laterais:

Proto-romance galaico-português iguala:	Proto-romance castelhano palataliza:
ĀNNŪ ['an:u > 'anu] <i>ano</i>	['an:u > 'aɲu] <i>año</i>
CALLĀRĒ [ka'l:are > ka'lare] <i>calar</i>	[ka'l:are > ka'ʎare] <i>callar</i>

Ainda o [r:] que acaba por reforçar-se [r].

Agora, é o “iode quarto” que reage em várias frentes:

- Converte em semiconsoantes (iodes) as consoantes primárias relaxadas anteriormente [-ð/ɣr- > -jr-] ([ka'deðra > ka'dejra], [en'teɣru > en'tejru]) e fecha a vogal precedente [ka'dejra, en'tejru];
- Faz o mesmo com a fricativa procedente de [kt], [kl] e [kʃ] ([ 'noʃte > 'nojte], ĀXĒ ['akʃe > 'axʃe > 'ajʃe] *eixo/eje*) e fecha a vogal aberta precedente;
- Provoca a metátese do *wau* e dele próprio (CĀPIĀT ['kapja > 'kajpa > 'kajba/'kajpa (esp.)] *caiba/quepa*, CĀPŪIT ['kapwi > 'kawpi > 'kawbe/'kawpe (esp.)] *coube/couben/cupe*, CĀRRĀRĪĀ [ka'raʃja > ka'raʃra] *carreira/carrera*, CĀSĒŪ ['kaʃju > 'kaʃju] *queijo/queixo/queso*, CŌRĪŪ ['koʃju > 'koʃru] *coiro-couro/coiro/cuero*) e também fecha a vogal precedente;

<sup>23</sup> Acontece como no caso anterior, pense-se em ĪANŪĀRĪŪS, *enero* (português *janeiro*).

<sup>24</sup> Repare-se nos dois exemplos dados: VĪTĀ (*vida*) ≠ VĪTTĀ (*fitaveta*).

- Iodiza a líquida do grupo -ŪLT- ([ 'multu > 'mojtu]);
- Palataliza a sibilante ([ 'ajʃe > 'ajʃe]).

A solução [dʒ] muda no proto-romance castelhano para [j]:

Proto-romance galaico-português:	Proto-romance castelhano:
['odʒe]	['oje]
['adʒa]	['aja]

Continua a queda de aproximantes sonoras primárias intervocálicas – lenição celta – ([ 'feðu > 'feu], RĒGĀLĒ [re'ɣale > re'ale] *real*) e do *wau* na mesma posição (PRŌBĀVI [pro'βawi > pro'βaj] *provei/probei/probé*). Ocorre, ainda, a velarização da líquida lateral (SĀLTŪ ['ʃaltu > 'ʃawtu] *souto/soto*, [altru > 'awtru]).

Os ditongos [aj] e [aw] elevam-se por volta do século X d.C. ([ka'raʃja > ka'rejra], [pro'βaj > pro'βej], ['ajʃe > 'ejʃe]; ['kawza > 'kowza], ['ʃawtu > 'ʃowtu], ['awtru > 'owtru], ĀŪRŪ ['awru > 'owru] *ouro, oiro/ouro/oro*), assim como o -u em posição final ([ 'figu > 'figo], ['ʃowtu > 'ʃowto], ['owtru > 'owtro]) para o proto-romance castelhano. Confirmam os filólogos portugueses a continuidade do [-u] (embora se escrevesse -o)<sup>25</sup> no oeste da Península. Pela mesma altura, produz-se uma série de mudanças que voltam a separar a tendência dos dois proto-romances:

Proto-romance galaico-português:	Proto-romance castelhano:
-mantém o [ɛ] tónico	-ditonga para [je]
['tʃɛlu, 'kɛm, 'βɛlu]	['tʃjelo, 'kjen, 'βjeʎo]
-conserva -MB-	-perde o segundo elemento
PĀLŪMBĀ [pa'lomba] <i>pomba</i>	[pa'loma] <i>paloma</i>
LĀMBĒRĒ [lam'bere] <i>lamber</i>	[la'mere] <i>lamer</i>
-mantém o [ɔ] tónico	-ditonga em [we]
['noβe]	['nweβe]
-mantém o F-	-aspira o F- seguido de vogal <sup>26</sup> [h-]
['figu, fa'tʃere]	['higo, ha'tʃere]
-mantém o [ʎ] (iode primeiro)	-fricatiza-se [ʒ]
['oʎu, 'βɛlu]	['oʒo, 'βjeʒo]
-mantém o grupo [jt]	-fricatização [tʃ]
['nojte], ['mojtu]	['notʃe], ['mutʃo]

<sup>25</sup> Sirvam de exemplo Maia (1986) e Mattos e Silva (1991).

<sup>26</sup> Mantém-se quando ditonga FŌNTĒ ['fwente] e com sílaba fechada FRĪGĪDŪ ['frio].



Encontramos mais uma solução diferente para os grupos iniciais PL-, CL- e FL-. Nos dois sistemas, resulta numa palatal (galaico-português africada; castelhano lateral):

[pl- > pʎ- > pj- > ptʃ- > tʃ-]	[pl- > pʎ- > ʎ-]
PLĪCĀRĒ [ple'gare > pʎe'gare > pje'gare > ptʃe'gare > tʃe'gare] <i>chegar</i>	[ple'gare > pʎe'gare > ʎe'gare] <i>llegar</i>
[kl- > kʎ- > kj- > ktʃ- > tʃ-]	[kl- > kʎ- > ʎ-]
CLĀMĀRĒ [kla'mare > kʎa'mare <i>llamar</i> > kja'mare > ktʃa'mare > tʃa'mare] <i>chamar</i>	[kla'mare > kʎa'mare > ʎa'mare]
[fl- > fʎ- > fj- > ftʃ- > tʃ-]	[fl- > fʎ- > ʎ-]
FLĀMMĀ [ʃflama > ʃfʎama > ʃfjama > ʃftʃama > ʃtʃama] <sup>27</sup> <i>chama</i>	[ʃflama > ʃfʎama > ʃʎama] <i>llama</i>

Outras mudanças deste tempo são a despalatalização de africada palatal ([fa'tʃere > fa'tsere], [ʃtʃelu<sup>prot-GP</sup> / ʃtʃjelo<sup>prot-cast</sup> > tselu<sup>prot-GP</sup> / tsjelo<sup>prot-cast</sup>]), a sonorização de [-ts- > -dz-] intervocálico ([fa'tsere<sup>prot-GP</sup> / ha'tsere<sup>prot-cast</sup> > fa'dzere<sup>prot-GP</sup> / ha'dzere<sup>prot-cast</sup>]<sup>28</sup>, a africadação do grupo -SK- (NĀSCĒRĒ [naʃ'kere > na'tsere] *nascere/nacer/nacer*) e o apócope de vogais finais, particularmente o -E, após -r, -l, -n, -s<sup>29</sup> ([re'ale > re'al], [pa'ʃare > pa'ʃar]). No proto-romance castelhano, também depois de -d (vĪRTŪTĒ [βir'tude > βir'tud] *virtude/virtud* e, nomeadamente, na terminação latina -TĀTĒ; vĀNĪTĀTĒ [βani'dade > βani'dad] *vaidade/vanidad*).

Outra mudança que separa os dois proto-romances: [ej], [ow] > [e], [o]:

<sup>27</sup> Repare-se que nos semicultismos mudou o -l- por um -r- no galaico-português e ficou inalterado em castelhano (PLĀTĒĀ, “praça/praza” e “plaza”).

<sup>28</sup> É preciso dizer que o [-ts-], que provinha de [-kj-], ainda em posição intervocálica não sonoriza. O português moderno terá soluções surdas onde deveria ter sonoras, por se acolherem algumas soluções de [-tj-] a [-kj-]. Erro semierudito do latim vulgar. Acontece nas terminações -TĪŌNĒ (-ção), -TĪĀ (-iça) [dʒuʃ'titsa], -TĪĒ (-ce) e -TĪŪ (p.e. *paço, poço*...).

<sup>29</sup> Quando aparecer -z, também.

Proto-romance galaico-português mantém:	Proto-romance castelhano monotonga:
[ka'rejra]	[ka'rera]
[owru]	[oro]

As duas seguintes modificações são exclusivas do proto-romance galaico-português: a queda de -L- e -N- (consolidado já no século XI mas com início por volta dos séculos VII-VIII):

Proto-romance galaico-português:	Proto-romance castelhano:
[ʃtselu > ʃtseu]	[ʃtsjelo]
DŌLĒRĒ [do'er] <i>doer</i>	[do'ler] <i>doler</i>
SĀLĪRĒ [ʃa'ir] <i>sair/sair</i>	[ʃa'li] <i>salir</i>
MĀNŪ [ʃmẽw] <i>mão/man</i>	[ʃmano] <i>mano</i>
LŪNĀ [ʃlũa > ʃlua] <sup>30</sup> <i>lua/lúa</i>	[ʃluna] <i>luna</i>

O encontro de duas consoantes por causa da perda de antigas pré-tónicas tinha provocado novos grupos que se fundem ou precisam de apoio articulatorio:

Proto-romance galaico-português:	Proto-romance castelhano:
FĀMĪNĒ [ʃfamne > ʃfame] <i>fome/fame</i>	[ʃhamne > ʃhamre > ʃhambre] <i>hambre</i>

Os historiadores da língua falam já de romance galaico-português (ou de português arcaico ou português antigo<sup>31</sup>) a partir do século XII até ao XV, depois português e galego; também no século XII o castelhano inicia a sua história particular. O século XII é, pois, o momento em que aparecem as primeiras documentações escritas. Contudo, nós estabelecemos, desde já, três linhas – castelhano, português e galego –, visto as diferenças precezes que se observam entre os dois últimos.

Observar-se-á a apreciação mencionada de Straka (1956) em relação às diferentes cronologias para uma mesma mutação, que, a partir de agora, será, em palavras de Brocardo (2014: 90), a diferenciação decisiva:

- (1) Mantém-se em português [-u] ([ʃtseu]), face ao galego e ao espanhol que apresentam [-o] ([ʃtseo]/[ʃtsjelo]).

<sup>30</sup> Palataliza após -l- [-i(n)- > -jn-] (GĀLLĪNĀ [ga'lia > ga'lija] *galinha/galiña/gallina*; [re'ina > ra'ina]).

<sup>31</sup> Veja-se Mattos e Siva (1991: 17 e seguintes), Ferreira & Osório (2008: 39 e seguintes) ou Mira Mateus & Carreira (2007: 48), que tratam pormenorizadamente a questão.



- (2) O som [β] estabelece-se como [v] em português-padrão [ˈvida - ˈvɛlu] e faz-se bilabial [b] em galego [ˈbida - ˈbɛlo] e espanhol [ˈbida - ˈbjezo].
- (3) Mantém-se [f-] na faixa atlântica [faˈdzer] e perde-se a aspiração [haˈdzer > aˈdzer] em Castela.
- (4)<sup>32</sup> Começa o relaxamento das oclusivas sonoras intervocálicas no galego [ʃaˈber > ʃaˈβer], ĀMĀTĪS [aˈmadeʃ > aˈmaðeʃ] *amais/amades/amáis*, [aˈmado > aˈmaðo], [ˈbida > ˈbiða], [ˈtʃegar > ˈtʃɛɣar] e no castelhano [ʃaˈber > ʃaˈβer], [aˈmadeʃ > aˈmaðeʃ], [aˈmado > aˈmaðo], [ˈbida > ˈbiða], [ˈʎegar > ˈʎɛɣar].
- (5) Desafriça-se [dʒ] no português e no galego [ˈodʒe > ˈoze] (em espanhol tinha passado a [j] no proto-romance [ˈoje > ˈoj]).
- (6\*) Por volta do século XIII<sup>33</sup>, começa a desafricação de [ts] e [dz] [ˈtseo > ˈsew - faˈdzer > faˈzer] em galego, a sul do Minho, a partir do século XIV.
- (7\*) Inicia-se o processo de ensurdecimento de [z] e [ʒ] em galego [faˈser - ˈkowʃa]; mantém-se em português [faˈzer - ˈkowʒa].

Por volta do século XV:

- (8) Dá-se a nasalação das vogais em português [vogal+nasal > vogal nasal]<sup>34</sup> fechada] CĀMPŪ [ˈkaNpu > ˈkɐ̃pu] *campo*, ĪNTRĀRĒ [eNˈtrar > ɛ̃ˈtrar] *entrar*, BĒNĒ [ˈbɛN > ˈbɛ̃]<sup>35</sup> > [ˈbɛ̃j] *bem*, FĪNĒ [ˈfɪN > ˈfɪ̃] *fim*, LĒŌNĒ [leˈoN > leˈõ] *leão*, ŪNŪ [ˈuN > ˈũ] *um*.
- (9) Produz-se a queda de aproximantes secundárias em português e espanhol [aˈmad/ ðeʃ > aˈmaeʃ > aˈmaɪʃ], em galego mantém-se [aˈmaðeʃ].
- (10\*) Ensurdimento de [dz] e [ʒ] [aˈtser - ˈkoʃa] em espanhol (ponto 7 do galego).
- (11) Em espanhol, [j] assimila-se ao som [ʒ]: [ˈjente > ˈʒente]<sup>36</sup>.
- (12) Ensurdimento em galego de [ʒ] procedente de “íode quarto” [ˈoʃe]. Mantém-se em português [ˈoze].
- (13) Ensurdimento em espanhol de [ʒ] procedente de “íode primeiro” [ˈoʒo > ˈoʃo].

Para o espanhol, o século XVI é a época referida como a “revolución del Siglo de Oro”, pelas intensas mutações que experimenta:

<sup>32</sup> • = Mesmas mudanças com diferente cronologia entre duas ou três variedades românicas.

<sup>33</sup> O estudo feito por Maia (1986) é determinante e partilhado pelos estudiosos portugueses e galegos.

<sup>34</sup> Assimilação regressiva: as sílabas fechadas por nasal acabaram por nasalizar essa vogal, fechando o grau de abertura. Quer Teyssier (1980) quer Mattos e Silva (1991) atestam o fenómeno entre os séculos XIII e XV. Usamos aqui o arquifonema [N] para neutralizar [m] e [n].

<sup>35</sup> Em posição final.

<sup>36</sup> Em contextos onde aparecia [i], caía [uˈjir > uˈir] “huir” (português *fugir*).

- (14) Em português, as soluções nasais [ɐ̃w̃], [ɐ̃] (nos verbos)<sup>37</sup> e [õ] confluem em [ɐ̃w̃]: [ˈmɐ̃w̃], PĀGĀNŪ > [paˈgɐ̃w̃] *pagão*, ĀMĀNT > [ˈamɐ̃w̃] *eles amam*, CĀPĪTĀNŪ [kapiˈtɐ̃w̃] *capitão*, [leˈõ > leˈɐ̃w̃], ĀMĀ(VĒ)RŪNT > [aˈmarɐ̃w̃] *amaram*. Em galego, mantêm-se os sons originais [ã] e [õ]. Nos substantivos [ã] e aparece o -n- velar [ŋ] como solução à nasal [ˈmaŋ] *man*, [paˈgaŋ] *pagán*, [ˈamaŋ] *aman*, [kapiˈtaŋ] *capitán*, [leˈoŋ] *león*, [aˈmaroŋ] *amaron*. No espanhol, não há modificações na nasal (*mano*, *pagano*, *aman*, *capitán*, *león*, *amaron*).
- (15\*) Desafricação de [ts] em espanhol [aˈtser > aˈser] [ˈtsjelo > ˈsjelo] (corresponde ao ponto 6 do galego e do português).
- (16) Em português, simplifica-se o sistema de sibilantes (fins do século) para o paradigma atual: [faˈzer / ˈsew] e [ˈkowʒa / paˈsar (<ˈkowʒa / paˈʃar)].

Durante os séculos XVII e XVIII:

- (17) A sibilante dental passa a ser articulada como uma fricativa interdental em galego [faˈser > faˈθer]-[ˈseo > ˈθeo]<sup>38</sup> e em espanhol [aˈser > aˈθer]-[ˈsjelo > ˈθjelo].
- (18) Fricatização em espanhol de [ʃ] [ˈoʃo > ˈoxo].
- (19) Paradigma atual das antigas sibilantes medievais: em galego<sup>39</sup> [faˈθer / ˈθɛw - ˈkowʃa / paˈʃar] e em espanhol [aˈθer / ˈθjelo - ˈkoʃa / paˈʃar].
- (20) O português acrescenta um iode intervocálico entre as vogais que se encontraram após a queda do -N-: PLĒNŪ [ˈtʃeu > ˈtʃɛju] *cheio*. O galego mantém os encontros [ˈtʃeo] *cheo*. Espanhol: *lleno*.
- (21) Em português, o [-a] final átono eleva-se [ɐ]: [kaˈrejɐ], [ˈvidɐ]. Sem mudanças em galego [kaˈreja] nem em espanhol [kaˈrera].
- (22) Começa a confusão em português entre [ow] e [oj]: [owru - ojru].
- (23) O ditongo [ow], que já tinha monotongado em espanhol no fim do proto-romance [ˈoro], também tem a mesma conclusão em português-padrão [ˈoru], mas não em galego, que o mantém até hoje [ˈowro].
- (24) Em português, o vocalismo átono nas seguintes posições [-a-], [-e- / -e], [-o-] passa a ser pronunciado [ɐ], [i], [u]: [paˈsar > pɐˈsar], [tʃɛˈgar > tʃiˈgar], [ˈoze > ˈozi], [doˈer > duˈer - ˈdwer].

<sup>37</sup> Manter-se-á em nomes e adjetivos: PĀGĀNĀ > [paˈgɐ̃] *pagã*. En galego, desnasala: [paˈga] *pagá*. Espanhol: *pagana*.

<sup>38</sup> Há uma tendência para considerar que a solução galega [θ] é uma influência do espanhol. Leia-se o artigo de Lorenzo (1992), que defende esse resultado como facto autóctone. Veja-se também Mariño Paz (2017: 476 e seguintes). Em ambas as línguas, com períodos de consolidação diferentes.

<sup>39</sup> Seseo na costa de Galicia, no sur de Espanha e no espanhol da América [s].



- (25) Desafriça-se [tʃ > ʃ] (procedente da palatalização inicial) no português-padrão: [ʔʃɨgar > ʃɨgar]. Mantém-se em galego [ʔʃɛɣar].
- (26) Mais uma vez, na língua portuguesa, [s+cons. surda] e [-s] palataliza-se [ʃ]: *casas* [ʔkazɐs > ʔkazɐʃ], *vez* [ʔves > ʔveʃ]. [s+cons. sonora] > [ʒ]: *mesmo* [ʔmezmu > ʔmezmu].
- (27) Na Galiza, o som [g] é pronunciado em algumas zonas como [h], fenómeno conhecido como *gheada* (dialeto e já documentado desde 1600): GŪRDŪ [ʔgorðo > ʔhorðo] *gordo*.
- (28\*) Em português, dá-se o relaxamento das oclusivas sonoras intervocálicas<sup>40</sup>: [sɐʔber > sɐʔβer], [ʔdedu > ʔdeðu], [ʔvidɐ > ʔviðɐ], [ʔʃɨgar > ʔʃɨɣar] (ponto 4 do galego e espanhol).

Mudanças dos séculos XIX a XXI:

- (29) A língua portuguesa experimenta uma elevação dos ditongos decrescentes [ej > ej] oral e [ej] > [ɛj] nasal: [kɐʔrejɐ > kɐʔrejɐ], [ʔbɛj] > [ʔbɛj]. O oral não muda em galego [kaʔrejra].
- (30) Começa, em Portugal, a pronunciar-se o [R] uvular (próprio da zona de Lisboa): [kɐʔrejɐ > kɐʔRɛjɐ]. Desconhecido na Galiza [kaʔrejra] e em Espanha [kaʔrera].
- (31) Em português, [a/e] + consoante palatal > [ɛ]: *tenho* [ʔtɛɲu > ʔtɛɲu], *palha* [ʔpaʎɐ > ʔpɛʎɐ], *veja* [ʔveʒu > ʔvɛʒu].
- (32) Ainda em português, o som [e] inicial absoluto (sílabas abertas) começa a ser pronunciado [i]: [eliʔfɛʔti > iliʔfɛʔti].

Mudanças em progresso, não totalmente consolidadas:

- (33) Deslateralização de [ʎ] em galego [ʔoʎo > ʔojo] e em espanhol [kaʔʎar > kaʔjar].
- (34) Em espanhol, relaxamento de [-ð-] ou queda [aʔmaðo > aʔma<sup>[ð]</sup>o].
- (35) Também em espanhol, relaxamento de [-ð] e aproximação a [-θ] [birʔtuð > birʔtu<sup>[ð]</sup> – birʔtuθ], [baniʔðað > baniʔða<sup>[ð]</sup> – baniʔðaθ].

Ainda caberia falar das variedades do português e do espanhol no mundo (América, África, Ásia e Oceânia), mas estas páginas apenas pretendem colocar em confronto as mudanças acontecidas nos planos fonético e fonológico nos lugares de origem, na Península Ibérica.

Eis alguns exemplos das mudanças:

[ʔnove]<sup>XII-XIV-P</sup> [ʔnove]<sup>S.XV-P</sup> [ʔnovi]<sup>XVIII-P</sup> <nove>

<sup>40</sup> Mudança muito tardia e sem consolidar ainda em todo Portugal.

NŌVĒM [ʔnove]<sup>Lat.v</sup> [ʔnove]<sup>II-III</sup> [ʔnove]<sup>XII-XIV-G</sup> [ʔnove]<sup>S.XV-G</sup> <nove>  
 [ʔnwebe]<sup>XII-XIV-E</sup> > [ʔnweβe]<sup>S.XV-E</sup> <nueve>  
 [ʔoʎu]<sup>P</sup> <olho>  
 ŌCŪLŪM [ʔokolu]<sup>Lat.v</sup> [ʔoklɔ]<sup>II</sup> [ʔoklu > ʔoxlu > ʔjlu > ʔoʎu]<sup>V-VII</sup> [ʔoʎo]<sup>G</sup> <ollo>  
 [ʔozo]<sup>XII-XIV</sup> [ʔofo]<sup>XV</sup> [ʔoxo]<sup>XVII-E</sup> <ojo>  
 [ʔlɛˈsa] → XIII [ʔlɛˈsɐ]<sup>XVIII-P</sup> <lança>  
 LĀNCĒĀ [lanˈkeə > ʔlankeə]<sup>Lat.v</sup> [ʔlankja]<sup>II-III</sup> [ʔlantsja > ʔlantsa]<sup>V</sup> [ʔlansa]<sup>XIII-G-P</sup> [ʔlānθa]<sup>XVII-G</sup> <lanza>  
 [ʔlansa]<sup>XVI</sup> [ʔlānθa]<sup>XVII-E</sup> <lanza>  
 [ʔkowza]<sup>XVI</sup> [ʔkoza]<sup>XVIII</sup> [ʔkozɐ]<sup>XVIII-P</sup> <cousa> ~ [ʔkojzɐ]<sup>XVIII-P</sup> <coisa>  
 CĀŪSĀ [ʔkawʃa]<sup>Lat.v</sup> [ʔkawʒa]<sup>VIII-IX</sup> [ʔkowʒa]<sup>X</sup> [ʔkowʃa]<sup>XIV-G</sup> <cousa>  
 [ʔkoʒa]<sup>X</sup> [ʔkoʃa]<sup>XV-E</sup> <cosa>  
 [ʔkaβra]<sup>XVII-XVIII</sup> [ʔkaβrɐ]<sup>XVIII-P</sup> <cabra>  
 CĀPRĀ [ʔkapra]<sup>Lat.v</sup> [ʔkabra]<sup>VIII-IX</sup> [ʔkaβra]<sup>XIV-G</sup> <cabra>  
 [ʔkaβra]<sup>XIV-E</sup> <cabra>  
 [ʔnojtɪ]<sup>XVIII-P</sup> <noite>  
 NŌCTĒM [ʔnoktɛ]<sup>Lat.v</sup> [ʔnokte]<sup>V-VII</sup> [ʔnojte]<sup>VII-G</sup> <noite>  
 [ʔnotʃɛ]<sup>X-XI-E</sup> <noche>  
 [ʔoze]<sup>XIV</sup> [ʔoʒi]<sup>XVIII-P</sup> <hoje>  
 HŌDĪĒ [ʔodje]<sup>Lat.v</sup> [ʔodʒɛ]<sup>V-VII</sup> [ʔoze]<sup>XIV</sup> [ʔofɛ]<sup>XV-G</sup> <hoxe>  
 [ʔoje]<sup>VIII-IX</sup> [ʔoj]<sup>X-E</sup> <hoy>  
 [ʔmɛˈwː]<sup>XV-P</sup> <mão>  
 MĀNŪ [ʔmanu]<sup>Lat.v</sup> [ʔmāu]<sup>VII-VIII</sup> [ʔmāɲ]<sup>XV-G</sup> <man>  
 [ʔmānu]<sup>IX</sup> [ʔmāno]<sup>X-E</sup> <mano>

## Bibliografia

- Ariza Viguera, Manuel (1990) *Manual de fonología histórica del español*. Madrid: Editorial Síntesis.
- Bagno, Marcos (2011) O Português não procede do Latim: Uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. *Grial. Revista Galega de Cultura*, 191, pp. 34-39.
- Brocardo, Maria Teresa (2014) *Tópicos de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.
- Cardeira, Esperança (2006) *História do Português*, Lisboa, Caminho.
- Castro, Ivo (1991) *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.



- Castro, Ivo (2006) *Introdução à História do Português*, 2.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: Edições Colibri.
- D'Achille, Paolo (2001) *Breve grammatica storica dell'italiano*. Roma: Carocci editore.
- Ferreira da Silva, J. & Osório, Paulo (2008) *Introdução à História da Língua Portuguesa. Dos factores externos à dinâmica do sistema linguístico*. Chamusca (Santarém): Edições Cosmos.
- Ferreiro, Manuel (1995) *Gramática histórica galega*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.
- Geraldo da Cunha, Antônio (1982) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- La Chaussée, François de (1974) *Initiation à la phonétique historique de l'ancien français*. Paris: Éditions Klincksieck.
- Laborderie, Noëlle (2009) *Précis de phonétique historique*. Saint-Jean de Braye: Armand Colin.
- Lapesa, Rafael (1986) *Historia de la lengua española*, 9.<sup>a</sup> Edição. Madrid: Gredos.
- Lleal Galceran, Coloma (2000) *La formación de las lenguas romances peninsulares*. Barcelona: Barcanova.
- Lloyd, Paul M. (1987) *From Latin to Spanish: Historical Phonology and Morphology of the Spanish Language*. Philadelphia: Memoirs of the American Philosophical Society.
- López Soto, Vicente (2003) *Diccionario de autores, obras y personajes de la literatura latina*. Barcelona: Editorial Juventud.
- Lorenzo, Ramón (1992) Algumas considerações sobre a evolução do sistema consonântico do galego medieval ó moderno. *Sprache, Literatur und Kultur Galiciens. Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik*. Frankfurt am Main: TFM, Domus Editoria Europaea, pp. 13-26.
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica (Linguística 9).
- Mariño Paz, Ramón (1998) *Historia da lingua galega*. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco Edicións.
- Mariño Paz, Ramón (2017) *Fonética e Fonoloxía Históricas da Lingua Galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia (1991) *O português arcaico. Fonologia*. São Paulo: Editora Contexto.
- Menéndez Pidal, Ramón (1940) *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Mira Mateus, Maria Helena & Carreira, Esperança (2007) *Norma e variação*. Lisboa: Caminho.
- Penny, Ralph (1993) *Gramática histórica del español*. Barcelona: Ariel.

- Quirós Rodríguez, Manuel Antonio (2004) *Latín hablado y latín clásico*. San José de Costa Rica: Editorial de la Universidad de Costa Rica.
- Straka, Georges (1956) La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. *Revue de Linguistique Romane*, 20, pp. 249-267.
- Teyssier, Paul (1980) *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- Väänänen, Veikko (1985<sup>2</sup>) *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Gredos.
- Williams, Edwin Bucher (1961) *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.